

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009

## **Vozes Marginais?**

**Ligia Gomes do Valle**  
**Raphael Santos de Moraes<sup>1</sup>**

O livro de Érica Peçanha, *Vozes marginais na Literatura*, apresenta o que está sendo o movimento denominado "Literatura Marginal", através de dados obtidos em pesquisa de campo, para dissertação de mestrado na área de antropologia social da USP. O assunto é organizado pela autora em seis capítulos, nos quais transparecem os fatores de ordem social do movimento em questão, não sendo abordadas as questões estéticas em nível de crítica literária.

O objetivo da pesquisa foi o de compreender a que se referia a apropriação recente da expressão "Literatura Marginal" por escritores da periferia, e buscou investigá-la a partir de uma dupla perspectiva: de acordo com os aspectos relacionados à produção e à circulação de alguns dos seus produtos literários, e segundo os signos culturais e objetivos amplos, ou seja, relacionados à construção, divulgação e suas intervenções simbólicas e pragmáticas, para expressar identidades coletivas e a idéia de uma "cultura de periferia". A autora delimita qual foi o campo de análise da pesquisa, que corresponde ao período de 1990 a 2006, à região metropolitana de São Paulo, aos eventos culturais, a quinze livros, a três edições especiais de literatura marginal do periódico *Caros Amigos*, ao monitoramento de sites e blogs de autores, além de entrevistas com promotores do movimento.

Este movimento é composto por representantes das classes populares e moradores de bairros das periferias urbanas brasileiras que se utilizam, principalmente, de contos e poemas e em sua grande maioria anseiam serem lançados através de uma grande editora, a fim de obterem reconhecimento das suas obras.

A autora apresenta a importância das edições especiais do periódico *Caros*

---

<sup>1</sup> Graduandos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora

*Amigos*, referentes à "Literatura Marginal", para a promoção e união do movimento e para a apropriação e legitimação desta expressão que o denomina. No periódico constam obras literárias de detentos, de moradores da periferia e de marginalizados sob diversos outros aspectos. Os temas são sobre a vida das crianças que moram nas favelas ou nas ruas, as chacinas cometidas em bairros da periferia, o sofrimento dos negros, o cotidiano de um trabalhador com pouca especialização e o destino dos jovens pobres. A autora chama a atenção para o fato de que os autores publicados são também atores dos espaços retratados nos textos, e que não objetivam apenas representar certa realidade de espaços e sujeitos na literatura, mas de também se autorrepresentarem. Indica também que não se trata de um movimento apenas literário, mas que tem antes o objetivo cultural de "dar voz" ao grupo social de origem dos escritores e para isso busca estimular a produção, o consumo e a circulação de bens culturais, não apenas a literatura como também roupas, CDs e editoras, ou seja, acentua que o movimento não surge através da cena literária dominante, mas que, através da mobilização de redes extraliterárias, se desenvolveu no ambiente periférico. Chama a atenção para a necessidade de se recuperar como as noções de marginalidade e periferia, bem como a relação entre literatura e realidade, foram significadas, para que a singularidade dos escritores contemporâneos do movimento em questão tenham se evidenciado em relação aos demais artistas.

Apresentam-se também algumas perspectivas socioantropológicas sobre o que é a marginalidade. O tema começa a ser estudado na década de 20, na Escola de Chicago, que procurava investigar a integração dos imigrantes na sociedade norte-americana. Chegou-se, assim, ao conceito de homem marginal como aquele que tinha uma personalidade desajustada, por não se integrar completamente aos padrões culturais tanto da cultura de origem como daquela a que passava a fazer parte. Fazia-se, assim, uma abordagem que enfatizava a personalidade e atenuava questões étnicas e de gênero, e podia ser atribuída a qualquer grupo em posição de *outsider*. Já em uma perspectiva marxista, a marginalização social é produto da lógica capitalista, que, na dinâmica de acumulação do capital, se reflete sobre a estrutura das classes sociais, e em uma abordagem funcionalista, causa descontinuidade dos papéis sociais e dualidades como "tradicional" e "moderno" e "marginal" e "integrado". Em discussões mais recentes, no campo da sociologia, "marginalidade social" pode ser um tipo de inclusão precária das pessoas mais pobres em diferentes âmbitos, como a cultura ou a política, já que, de certa forma, essas mesmas pessoas estão inseridas nos processos sociais, políticos e econômicos excludentes. Assim sendo, se trata de ser, a exclusão, uma percepção de privação,

que pode ser de emprego, de bem-estar, de direitos, etc. Nessa perspectiva, os escritores do movimento "Literatura Marginal" têm "[...] participação transformativa no próprio interior da sociedade que o exclui, o que representa a sua concreta integração" (MARTINS *in* NASCIMENTO, 2009, p.147). Já a noção de marginalidade nos escritores do movimento diz respeito à condição socioeconômica de origem ou ao contexto social no qual estão inseridos, abarca os que se sentem discriminados pelas suas condições sociais. Essa noção se aproxima de quase todas as correntes que tematizaram o assunto, por parecer tão abrangente. "O elemento comum entre os escritores é um conjunto de experiências compartilhadas na vida prática, e sobretudo, no imaginário coletivo, moldado pelo fato de serem 'moradores da periferia'." (NASCIMENTO, 2009, p.151)

A autora apresenta dados que indicam que as condições na periferia não são as mesmas para todas as periferias. Mas assinala que a relativização acadêmica de centro e periferia não impede uma diferenciação nítida entre estas, que é a de que o "centro" é um "[...] espaço de moradia das classes médias e altas, de melhores condições de vida e de concentração das práticas culturais 'cultas' e 'legitimadas'." (NASCIMENTO, 2009, p. 153) e a periferia um "[...] espaço da carência, que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e faz emergir produtos culturais como a música rap e a literatura marginal-periférica; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens associadas ao adjetivo marginal." (NASCIMENTO, 2009, p. 153 e 154). Assim, o movimento literatura marginal serve para dar significação à periferia e para criar certo aspecto positivo.

A dissertação discorre sobre os desdobramentos pedagógico, estético e político, deposita na literatura engajada a pretensão de se ocupar de outras questões além das de estética. Sendo a "Literatura Marginal" um movimento também político, por demarcar o lugar e o papel dos autores no cenário contemporâneo, além de diversificar o discurso literário e o perfil sociológico dos escritores brasileiros. A pesquisa realizada não pretende legitimar os escritores estudados para a literatura brasileira, mas chama a atenção para o fato de que se os estudiosos de literatura não o fizerem colocarão as obras do movimento apenas em uma vertente política, e assim deixarão de questionar "[...] o papel social das obras literárias, a universalização da escrita e da leitura, a necessidade da ampliação do número de leitores e a incorporação de novas vozes no discurso literário." (NASCIMENTO, 2009, p. 176).

A autora apresenta alguns aspectos das experiências sociais e das trajetórias literárias de três escritores relevados na pesquisa: Sérgio Vaz; Ferréz; Ademiro Alves

(Sacolinha). Os textos publicados na revista *Caros Amigos* foram a primeira experiência literária comum a todos os escritores.

Através das trajetórias sociais e literárias destes três escritores, Nascimento demonstra que, apesar de escritores com posições distintas no campo literário, são representados sob a mesma rubrica "Literatura Marginal" na *Caros Amigos*. Sendo assim, não apenas fenômenos isolados, mas participantes de "[...] experiências comuns bastante expressivas" (NASCIMENTO, 2009, p. 236).

No sexto e último capítulo, a autora finaliza o livro fazendo uma reflexão sobre o trabalho apresentado, que considera como o registro de um momento, assim como todo trabalho acadêmico. Sendo o momento a entrada dos escritores da periferia no universo da literatura, através de *Capão Pecado* (de Ferréz), e das edições especiais *Caros Amigos / Literatura Marginal*.

A autora afirma que os escritores da periferia procuram remeter o leitor tanto a um perfil específico de determinado grupo como às temáticas dos textos, e que a expressão literatura marginal se refere, objetivamente, à situação de marginalidade vivenciada pelo autor e às características internas dos seus textos; atenta para que o discurso dos autores da periferia sobre a marginalidade aparentam não considerar a mobilidade social que a carreira literária lhes oferece, mesmo que esta tenha lhes proporcionado diversos privilégios, como contratos por editoras de prestígio, posse de cargos públicos e garantia de subsistência com a renda obtida através da produção cultural; diz que a contribuição trazida pela nova geração de escritores marginais é a reunião de autores que representam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos pelos mesmos escritores como marginais; resume que o interesse do trabalho foi o de colocar os produtos literários e as experiências sociais dos autores no mesmo campo de forças, "[...] para deslocar a tensão para os usos que eles fazem das suas experiências sociais para se projetarem no mercado literário sob a rubrica literatura marginal." (NASCIMENTO, 2009, p. 321)

Nascimento termina dizendo que, além de apresentar a nova geração de escritores marginais, visou "[...] articular a formação interna do grupo e seu significado mais geral." (NASCIMENTO, 2009, p. 324); e que para tanto se esforçou para demonstrar que um conjunto de ideias e vivências compartilhadas possibilitou produzir uma imagem própria pelos e para os moradores da periferia.

A leitura desse livro é indicada para todas as pessoas que estejam a fim de contribuir para a reorganização do imaginário diante desse novo espaço literário que surge no Brasil e

para os estudantes que visam trabalhar com esse tema. É importante, como revela a autora, trabalhar com as obras literárias de vários escritores titulados como pertencentes a esse movimento, para perceber, através de seus discursos e através de suas escolhas, o corpo da trama e o que há de aspectos ideológicos nas obras. O que possibilita perceber as diferentes apropriações do termo marginal por um viés intraliterário, e não só por um viés, não menos importante, sociológico e antropológico. O exaustivo trabalho de pesquisa que se pode perceber e a constante preocupação com o movimento em sua amplitude tornam a obra indispensável para os que se interessam pela "Literatura Marginal" da periferia e pretendem se aprofundar no assunto.

### **Referências Bibliográficas**

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.